

"Era só uma mancha na lente": Debates sobre ufologia e educação da atenção

Pedro Borda*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo situar a análise que os ufólogos fazem a respeito das fotografias de discos-voadores dentro de um processo de aprendizagem que Ingold chamou de *educação da atenção*, de tal forma a serem capazes de discriminar o verdadeiro veículo extraterrestre de eventuais confusões ou farsas. A partir desse argumento, conforme Latour, que a crença é uma categoria inventada pelo Ocidente para desqualificar outras produções epistemológicas que se distanciam da ciência, e que isso, por sua vez, desempenha um papel fundamental no processo de desqualificação das fotografias apresentadas pelos ufólogos enquanto evidência de que estamos sendo visitados por seres extraterrestres. Nesse sentido, é preciso olhar para esses registros com seriedade de modo a entender com mais clareza a dinâmica desses coletivos ufológicos.

Palavras-chave: percepção e ambiente; antropologia da ufologia; controvérsias; conflito ontológico.

*Graduando em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Contato: pedroborda@usp.br

"Fue solo una mancha en el lente":

Debates sobre ufología y educación de la atención

"It was just a spot on the lens":

Debates on ufology and attention education

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo situar el análisis que hacen los ufólogos de las fotografías de platillos voladores dentro de un proceso de aprendizaje que Ingold llama de *educación de la atención*, de manera que sean capaces de discriminar el verdadero vehículo extraterrestre de confusiones o farsas. Con base en esto, argumento, de acuerdo con Latour, que la creencia es una categoría inventada por el Occidente para descualificar otras producciones epistemológicas que se distancian de la ciencia, y que eso, a su vez, tiene un rol fundamental en el proceso de descualificación de las fotografías presentadas por los ufólogos como evidencia de que somos visitados por seres extraterrestres. En ese sentido, se hace necesario mirar para esos registros con seriedad de manera a comprender con más claridad la dinámica de esos colectivos ufológicos.

Palabras clave: percepción y entorno; antropología de la ufología; controversias; conflicto ontológico

Abstract: This article aims to situate the analysis which the ufologists make about the flying saucer's photographs within a learning process which Ingold called *education of attention*, so they are able to discriminate the true extraterrestrial vehicle from eventual confusions or hoaxes. Through this I argue, as Latour, that the belief is a category made up by the West to disqualify other epistemological productions that distance from science and that this has a fundamental role in the disqualification of the photographs shown by the ufologists while evidence that we are being watched by extraterrestrial beings. In this sense, we must look at these records with seriousness so we can clearly understand the dynamic of these ufological collectives.

Keywords: perception and environment; anthropology of ufology; controversies; ontological conflict.

1. Introdução

Certa vez, Neil deGrasse Tyson¹ foi até um programa da CNN para falar sobre vídeos de OVNI's que tinham acabado de ser divulgados como filmados pelas forças armadas dos EUA, e disse em tom de deboche: "OVNI significa Objeto Voador Não Identificado. É um termo tão sem especificação que você nem sabe direito para o que está olhando"². No entanto, conforme argumento aqui, os ufólogos sabem muito bem para o que estão olhando. Se todo ponto luminoso nos céus constitui-se um indicador de atividade alienígena, então não haveria necessidade de publicações e mais publicações discutindo, analisando e investigando as centenas de fotos e vídeos que circulam entre os ufólogos. Talvez o que cause tanto estranhamento aos olhos desses cientistas é um contraste entre modos de percepção do ambiente. Nesse sentido, argumento que os ufólogos passam por um processo que Ingold chamou de *educação da atenção* (INGOLD, 2001), onde a percepção do ambiente - nesse caso, de um céu povoado por OVNI's³ - depende de um intenso engajamento do ufólogo ante um processo de descobrimento que irá lhe permitir distinguir, por meio de certas técnicas, o que é um OVNI alienígena e o que é apenas um avião, um cometa, um balão meteorológico, um planeta, um inseto na lente de uma câmera etc. Diferente dos astrônomos, os ufólogos sabem que os OVNI's estão aí, observando-nos com escrutínio e atenção, e defendem que precisamos fazer o mesmo.

É possível que alguém saiba que um remédio cura suas doenças e, ao mesmo tempo, acredite que Deus ajuda com coisas que "ultrapassam os limites da ciência". Por outro lado, a produção de saberes a respeito de tópicos que desafiam as fronteiras disciplinares que a Ciência⁴, ou melhor, que os cientistas e seus fatos tão cuidadosamente cuidam de erguer, envolve uma série diferente de problemas. Por exemplo, quando

1. Astrofísico estadunidense

2. Disponível em: <<https://youtu.be/b7rYRGbsMWO>>. Acesso em 5 de maio de 2020.

3. A sigla "UFO", por sua vez, denota a mesma coisa que OVNI, porém em inglês. Daí vem o termo "Ufologia".

4. Ciência com "C" maiúsculo remete ao uso que Latour faz deste termo em sua obra, no sentido da face "oficial" da ciência, daquilo que os cientistas pensam estar fazendo.

os Wajãpi se prestam a produzir conhecimentos sobre as plantas fora da lógica de uma botânica científica, é-lhes relegado o título de “conhecimento *tradicional*”. Assim, faz-se necessária uma classificação dessa produção que denuncie seu caráter não-científico, ao passo que o que os Wajãpi põem em prática é, na verdade, a construção de um mundo particular por meio de categorias particulares, e não a decodificação de uma natureza dada (OLIVEIRA, 2012). Os ufólogos também, à sua maneira, põem em prática a construção de uma natureza própria, povoada pelos mais diferentes modelos de discos-voadores e raças alienígenas.

A primeira parte desse texto será direcionada a uma discussão a respeito dos processos científicos que permitem estabelecer determinada perspectiva enquanto válida a despeito de outras possibilidades. Argumentando contra uma resposta definitiva para a questão (era um disco-voador mesmo ou era apenas uma mancha na lente?), não se pretende cair em uma relativização total da produção científica – e, tampouco da ufológica –, mas oferecer possibilidades de explicação mais realistas e respeitadas a respeito da ascensão da ufologia – que, destaco, *não desconsidera a astronomia*. Ou seja, discutirei como é possível que surja uma forma de produzir conhecimento, não necessariamente “científica”, mas que não abdica totalmente das explicações propostas pela Ciência, e sim propõe-se a ir além dela, confrontando suas teorias e paradigmas.

A segunda parte será destinada à análise da trajetória que um ufólogo passa para ser educado a prestar atenção aos céus e perceber os discos-voadores que habitam ali. Para isso, irei me valer da ideia de uma *jornada* – em referência ao termo mobilizado por dois ufólogos durante um artigo na Revista UFO – que transforma os pesquisadores de OVNI, desafiando-os a cruzar para um novo mundo muito mais aberto, diante do qual torna-se possível enxergar “ufologicamente” os discos-

voadores nos céus.

A terceira e última parte será destinada a investigação do papel que as fotografias desempenham na ufologia. Uma vez completada sua jornada, o ufólogo deve estar apto a diferenciar os OVNI's de todo outro tipo de objeto com o qual ele poderia ser confundido. Aqui vem o argumento central do texto, cujas etapas anteriores serviram como preparação: o que permite a um ufólogo enxergar um disco-voador onde outras pessoas veriam apenas uma mancha na lente, por exemplo, tem relação com um processo educativo específico ao qual ele foi submetido durante sua jornada de formação. Por isso optei por uma seção dedicada ao papel das fotografias na ufologia, já que elas são o substrato empírico principal pelo qual esses pesquisadores justificam suas alegações e onde se mostra necessária a educação ufológica para compreender que determinada fotografia não é apenas um objeto "não-identificado".

Por mais que o nome seja sugestivo, os ufólogos bem sabem que discos-voadores podem ser cilindros, esferas, triângulos e tantos outros formatos. Podem vir acompanhados, podem vir sozinhos, podem ser tecnologia extraterrestre, podem ser tecnologia humana. Ou, um disco-voador pode mesmo não ser nada. Em suma, um OVNI pode ser várias coisas, mas raramente ele é "não-identificado".

2. Investigando o céu quando há muito mais entre o céu e a Terra

Os processos pelos quais a percepção do ambiente é construída passa não pela descodificação das coisas naturais, mas por processos específicos de desenvolvimentos, por sua vez, próprios de dinâmicas particulares do campo total de relações em que o indivíduo está inserido (INGOLD, 2001). Isso é aplicável à forma como enxergamos o espaço sideral, o céu,

quando nos aventuramos a observá-lo durante uma noite estrelada.

Evidentemente, não existe um bloco homogêneo do que poderíamos chamar de uma percepção científica, ou astronômica, do céu, visto que os fatos científicos são dependentes de uma constante necessidade de demonstração da sua veracidade. O “céu”, então, não é inevitavelmente um conjunto de estrelas, umas mais próximas, outras mais distantes. Ele vem a ser isso por meio da consolidação histórica gradual da astronomia.

Bastide e Myers, em *A Night With Saturn* (1992), fazem uma análise baseada na semiótica, a partir da ideia de um enunciador e um enunciatário⁵, da divulgação das fotografias recém tiradas de Saturno pela sonda Voyager I. Ao comparar a forma com que diferentes jornais de circulação ampla e periódicos científicos apresentam essas descobertas, eles concluem que existe um conhecimento pressuposto pelo enunciador de cada um desses veículos a respeito do seu enunciatário, isto é, quem lerá a notícia. Mas, acima de tudo, os textos noticiando esse evento “nos permitem trazer à tona uma característica comum aos leitores que são pressupostos em cada um deles: eles são todos ‘curiosos’” (BASTIDE e MYERS, 1992, p. 274)⁶. Desse modo, por mais que o céu seja um conjunto de estrelas e de outros corpos, a forma com que um astrônomo percebe esses elementos é muito diferente da de um outro especialista ou mesmo do “público comum”. Os processos de educação a respeito do céu foram diferentes e cada um o percebe de modo particular. Nesse caso, a percepção sobre a relevância dessas fotografias tiradas pela sonda espacial. Os astrônomos só veem certas coisas porque as procuram.

Em suma, mesmo dentro da sociedade dita “ocidental”, olhar para o céu pode ser muito diferente daquilo que a astronomia define como fato, e isso não diminui os efeitos que

5. No original, “enunciatee and enunciator” (tradução livre).

6. No original, “enables us to bring out a characteristic common to the readers presupposed in each of them: They are all ‘curious’” (tradução livre).

essa percepção tem para quem as observa, tampouco as torna menos “racionais”. Os terraplanistas⁷, por exemplo, ainda que sem muita capacidade de mobilização política ou de convencimento popular, demonstram a possibilidade de desafiar aspectos aparentemente já consolidados no campo da física e da astronomia, pondo em jogo (supostamente) a Verdade científica. No entanto, isso é possível não porque eles sejam ignorantes, cientificamente alienados ou anti-intelectuais, mas porque partem de outros modos de percepção do ambiente, abdicando parcialmente do que a Ciência diz.

Ao apresentar a história das descobertas científicas de Pasteur, Latour mostra que ainda que contradigam totalmente as teorias da geração espontânea, é possível encontrar adeptos a ela, mesmo hoje em dia. Isso acontece porque a prova da teoria de Pasteur depende, em boa medida, de um conjunto de mediadores: laboratórios, cientistas, universidades, microscópios. Pois, então, de modo que possa existir algo como um fenômeno “em definitivo” é preciso que ele seja inserido em uma instituição de massa protegida cuidadosamente. Nesse sentido, ele opta pelo uso do termo *existência relativa* quando se trata dos estudos de ciência, de forma que essas entidades não devem ser comprimidas dentro de expressões como “nunca”, “em parte alguma” ou “sempre”, “em toda parte”. Assim, os terraplanistas, os ufólogos e os adeptos da geração espontânea são

um indicador interessante de que o “finalmente” graças ao qual os filósofos da ciência puderam, no primeiro modelo, livrar para sempre o mundo das entidades que se haviam revelado errôneas é excessivamente brutal. E não apenas brutal: ele ignora também a quantidade de trabalho que ainda precisa ser feita, todos os dias, para ativar a versão “definitiva” da história” (LATOUR, 2001, p. 180-1).

7. Não se pretende reivindicar, aqui, que o movimento terraplanista – grosso modo, aqueles que defendem que o formato do planeta é “plano”, e não “esférico” – produza efetivamente uma ciência conforme os padrões institucionalizados do fazer científico. O ponto a ser destacado é a possibilidade de se produzir um sistema coerente a respeito de tópicos já consolidados na ciência, opondo-se a eles, e moldando uma nova natureza, uma forma distinta de percepção do ambiente, indicando que o conhecimento definitivo tão almejado pela Ciência está mais distante do que se poderia pensar e questionar se é possível estabelecer alguma relação diplomática, até mesmo de “consenso” entre esses grupos.

Portanto, o objetivo não é adotar um relativismo extremo acerca da validade da produção científica – tampouco discutir se os terraplanistas ou ufólogos estão certos ou não sobre o que dizem –, mas apontar justificativas mais realistas e menos ofensivas para a pergunta: por que certos grupos produzem conhecimentos que entram em choque com a verdade científica sobre a percepção da natureza, mesmo quando eles parecem acreditar na Ciência para tantas outras questões?

3. A jornada do ufólogo

Antes de mais nada, quero destacar que os ufólogos não ignoram a Ciência. A astronomia é um campo de extrema influência para esses pesquisadores. Então, não é que o céu não seja um conjunto de estrelas, planetas, cometas e todos esses elementos. Ele é isso, mas é também muito mais, como, aliás, sempre é, mesmo para os astrônomos. Os ufólogos ocupam uma posição em relação à astronomia e à física que não é de contradição, mas de complementariedade, conforme eles mesmos defendem. Desse modo, instrumentalizam os conhecimentos científicos em prol da compreensão de algo que os cientistas falham em compreender por serem como avestruzes com as cabeças enfiadas dentro de buracos, pois se recusam a enxergar um mundo sobrevoado por discos-voadores⁸, apesar de tantas evidências.

Da mesma forma que Saturno, discos-voadores só serão encontrados por aqueles que os procuram. Não no sentido de que eles existem apenas na mente dos ufólogos, e sim que só estará apto a reconhecer um disco-voador em meio a tantos outros pontos brilhantes no céu, aquele que reconhece a existência de seres extraterrestres visitando a Terra. Esse é um ponto para o qual Bruno Latour (2016) também chama atenção em uma coletânea de cartas trocadas com uma aluna confusa a respeito dessa forma de entender as ciências.

8. A comparação com os avestruzes consta em um livro publicado por um ufólogo, ver mais em PEREIRA (1995).

Em determinado momento das cartas, Latour apresenta uma aparente contradição envolvendo a ilustração de Galileu das crateras lunares observadas com seu telescópio uma vez que, logo abaixo delas, havia o esboço de um horóscopo que Galileu preparava para seu senhor e mecenas. Esse fato suscitou, durante muito tempo, interpretações de historiadores da ciência que viam nessa contradição a descrição de um homem dividido entre duas épocas, entre o novo e o arcaico. Latour dirá que, na verdade, não se trata disso, mas de um cientista – que, como qualquer ser humano, possui seus vínculos, suas ligações – em um esforço de unir, recombinar elementos disjuntos de novas maneiras. Pois é disso que se trata a Ciência: composições e desvios. Nesse momento, ele adverte a aluna:

Digo isso para lembrá-la de que as evidências apenas são evidentes graças a uma quantidade de condições prévias. O que não é equivalente a dizer que “alguém vê apenas aquilo que já conhece”. Significa que alguém só pode descobrir coisas novas com a condição de aprender a ser sensível àquilo que deve impressionar nossos sentidos. (LATOUR, 2016, p. 108)

Mas, no caso dos ufólogos, qual é o processo que permite acessar essa realidade, qual processo que os educa para estarem atentos para perceber movimentações (talvez não tão) sutis nos céus? Veremos, então, que não existe uma contradição – assim como não existia no caso da ciência de Galileu e o seu horóscopo – entre crer na astronomia e crer em discos-voadores; trata-se, sim, de um modo distinto de arranjar o mundo que, por sua vez, só é possível mediante o processo que será descrito no decorrer desse texto.

Em um texto da Revista UFO, intitulado *O desafio de pesquisar UFOs*, os ufólogos Laura Elias e Vanderlei D’Agostino fornecem caminhos para compreender melhor “A longa jornada de um ufólogo”. Eles entendem como principal desafio

o embate entre céticos e ufólogos, que produz uma dinâmica específica no interior da ufologia que joga com os estereótipos atribuídos aos pesquisadores de discos-voadores e geram o desconforto institucional com relação à possibilidade de acadêmicos discutirem ufologia:

A história já mostrou que muitos cientistas que fazem parte de instituições acadêmicas têm enorme interesse no que os ufólogos dizem, sendo barrados, porém, pelo receio de represálias em suas carreiras profissionais (ELIAS, D'AGOSTINO, 2012, p. 8).

9. A frase original é "ultimate truth about the physical universe" (tradução livre).

Em contrapartida, o meio ufológico é, em geral, muito receptivo para receber novatos e ensiná-los o que eles precisam saber ou guiá-los a respeito dos caminhos mais adequados. Quando Rafael Almeida identifica as linhas de propagação da Revista UFO, que tornam possível a continuidade tanto do periódico material, quanto da disciplina, ele comenta sobre a necessidade dos ufólogos em estabelecer alianças com todo tipo de conhecimento que possa ser útil à investigação – desde astronomia até parapsicologia. (ALMEIDA, 2012). Por isso mesmo, a ufologia tem uma tendência a ser muito mais receptiva com relação aos diversos discursos que possam ser vinculados ao fenômeno UFO, pois sua própria continuidade depende disso. A ufologia, sendo uma crítica a um modo específico de fazer ciência, depende, por conseguinte, de uma crítica dos próprios meios pelos quais a verdade sobre um tópico – nesse caso, discos-voadores – é estabelecida.

Anne Cross explica que a ufologia, ao optar por uma "retórica científica", precisa justificar automaticamente o porquê dela ser marginalizada em relação à ciência "oficial", e uma das formas de fazer isso, descritas pela autora, é a de uma crítica dessa ciência, argumentando que os métodos peculiares da investigação ufológica permitiriam vias de acesso à "verdade última sobre o universo físico"⁹ (CROSS, 2004). A autora de fato parece acertar ao indicar o que o discurso

ufológico reivindica, isto é, que seus métodos permitem acessar realidades que a ciência não é capaz. O aparente problema, no entanto, vem com a ideia de que esses ufólogos operam uma emulação dos *significantes* da ciência, a sua retórica, e não a sua *substância*. Sobre isso, Latour apresenta a imagem da “substância” como a de um colar que mantém juntas várias pérolas, mais do que um alicerce eternamente igual, como faz parecer Anne Cross:

Substância não significa a existência de um “substrato” durável e a-histórico *por baixo* dos atributos, mas a possibilidade, graças à sedimentação do tempo, de transformar uma entidade nova naquilo que *subjaz a outras entidades* (LATOUR, 2001, p. 197)

Nesse sentido, para Cross, por mais que a ufologia quisesse parecer ciência, ela não passaria de um lobo em pele de cordeiro, um embuste condenado a produzir apenas emulações científicas. Apesar de discordar disso, algo deve ser conservado dessa apresentação de Cross, que é a ideia de que a ufologia de fato precisa fornecer meios de explicação para a marginalização do seu conhecimento. Argumento que essa explicação está incorporada no próprio *processo de revelação* pelo qual o ufólogo é concedido com as pistas para a percepção do ambiente, que lhe prova a ineficiência da ciência para lidar com temas mais profundos do que ela é capaz de compreender e também transformadores.

No mesmo artigo da Revista UFO, citado anteriormente, os autores irão comparar a trajetória de um ufólogo àquela do herói no arquétipo de Campbell¹⁰:

E por percebermos que muitas vezes o pesquisador do Fenômeno UFO passa por esses estágios em seu caminho – e faz muitas idas e voltas nessa jornada –, ressaltamos que não apenas o fenômeno em si tem aspectos míticos, mas também aqueles em que ele desperta curiosidade (ELIAS, D'AGOSTINO,

10. Ver mais em CAMPBELL, J. O *Herói de Mil Faces*. São Paulo: Pensamento, 1995.

Agosto de 2012, p. 11).

Nesse sentido, o ufólogo é aquele que, tal como o herói, é levado para fora do “mundo comum” em direção a um mundo especial e deve atender a um chamado. Ainda que os discos-voadores façam parte do mundo dos ufólogos, é importante destacar que no seu processo de educação no universo dos OVNI's, o contato com essas entidades é igualmente extraordinário e transformador¹¹. Então, a partir dessa ideia de uma transformação, é preciso questionar se ela não exerce um papel fundamental na naturalização da experiência com OVNI's, ou seja, se isso não faz parte da educação do ufólogo sobre os modos de existir e agir dessas entidades, que lhe permitirá perceber sua atividade nos céus.

Essa transformação pela qual passa o ufólogo, entretanto, não se trata necessariamente de um contato efetivo com discos-voadores e alienígenas, muito embora possa ser. Em suma, ela pode se suceder de maneiras mais sutis: pela pesquisa – livros, documentários, revistas – e/ou contato com outros pesquisadores, o ufólogo gradativamente começa a perceber um encadeamento lógico entre diversos elementos que lhe escapavam, começa a propriamente aprender ufologia. Por sua vez, isso está amplamente relacionado com as linhas de propagação da ufologia estudadas por Almeida (2015).

Já comentei mais acima sobre as linhas de propagação com o intuito de explicar a receptividade dos coletivos ufológicos. Mas, além disso, é possível apresentar outros dois pontos: a pragmática do segredo e as operações de redução, que são dois aspectos muito interligados. O primeiro diz respeito a uma dinâmica presente entre os ufólogos que parte da ideia do segredo enquanto um elemento que age para dar continuidade à investigação. Por exemplo, após a pressão da Revista UFO, com o movimento “UFOs: Liberdade de Informação Já!”, iniciado em 2004, o governo brasileiro acabou

11. “A questão seguinte foi sobre eventuais mudanças na maneira de o ufólogo enxergar o mundo e a vida, em razão de seus estudos sobre os objetos voadores não identificados. As respostas foram praticamente unânimes: quase todos os entrevistados sofreram processos profundos de transformação interna – e de uma forma contundente frisam que se tornaram melhores seres humanos” (ELIAS, D'AGOSTINO, Agosto de 2012, p. 13).

por liberar documentos concernentes a uma operação militar realizada em 1977, que tinha como objetivo investigar estranhas luzes que atacavam a população de uma pequena ilha no norte do país. No entanto, não bastou que o governo disponibilizasse o acesso aos registros fotográficos e escritos relativos à “Operação Prato”, como ficou conhecida, pois o fato deles terem liberado isso ao público era o indício de que havia muito mais que deveria vir à tona. Esse é um claro exemplo da pragmática do segredo, onde “é o segredo aquilo que faz com que a ufologia circule” (ALMEIDA, 2015, p. 308).

Quanto ao segundo ponto, as operações de redução, Almeida destaca a “ufoarqueologia”. Essa subdisciplina dentro da ufologia foi a responsável pela produção da teoria dos “antigos astronautas”, que parte da ideia de que a humanidade vem sendo visitada por extraterrestres há muito mais tempo do que temos notícias, e muitas daquelas narrativas ditas “mitológicas” de povos antigos são tentativas de relatar o contato com esses seres que, por desconhecimento, eles trataram enquanto entidades divinas, monstros e etc. Ou seja, aqui, os ufólogos promovem uma operação de redução de manifestações “fantásticas” a atividade extraterrestre¹².

Assim, conforme o ufólogo embarca nos estudos dos discos-voadores, todos esses pontos se tornam cada vez mais claros. Uma vez transformado, a visão desse ufólogo jamais será a mesma. Dito isso, é possível passar, agora, à discussão a respeito dessa percepção muito particular com relação ao céu e aqueles que podem habitá-lo.

4. Uma foto é um fato?

A fotografia funciona como o atestado de que alguém viu pessoalmente aquilo que está ali registrado, em carne e osso, por assim dizer. Ela cria, portanto, uma espécie de sobreposição entre passado e realidade, de modo que cada foto específica

12. “Refiro-me ao que chamarei de ‘operações de redução’, as quais se definem pela afirmação da equivalência entre uma pletera de manifestações ditas fantásticas (aquelas que orbitam a dimensão do extraordinário), e a experiência com extraterrestres” (ALMEIDA, 2015, p. 231).

carrega consigo o fato de que *isso existiu* – e muito provavelmente existe (BARTHES, 1982). Em certo sentido, toda foto é um fato, até mesmo por isso Barthes coloca que uma fotografia nunca é metafórica¹³.

Eu chamo de “referente fotográfico”, não a coisa *opcionalmente* real a qual uma imagem ou um signo se refere, mas a coisa *necessariamente* real que foi posicionada diante da lente, sem a qual não haveria fotografia alguma. (...) em fotografia, eu jamais poderei negar que a *coisa* esteve lá. Existe uma superimposição aqui: entre realidade e passado (BARTHES, 1982, p. 76)¹⁴

Mas as fotos de discos-voadores impõem uma situação particular ao estudo da fotografia, pois ao contrário de um cometa, por exemplo, que “todos” sabem existir, esses OVNI são objeto de controvérsia, porque foram relegados ao estatuto da crença, da dúvida. É claro que nem todas as fotos de discos-voadores são um fato, nem para os ufólogos e nem para os céticos. A diferença fundamental diz respeito a existência de alienígenas visitando a Terra, e essa possibilidade sem dúvida alguma molda o tipo de análise que será conduzida das fotografias em questão.

Em primeiro lugar, é importante chamar atenção para a crítica extremamente pertinente quanto ao tratamento das fotografias em geral enquanto material estático. Uma fotografia deve ser entendida, seguindo as críticas de Ingold, não como um ponto que se conecta a outros como na imagem de uma rede, mas enquanto uma linha, parte de uma malha. Nesse sentido, o *local do evento visual (visual-place-event)* deveria ser pensado com relação a configurações ambientais específicas (PINK, 2011)¹⁵. Isso significa levar em conta, de acordo com os propósitos almejados aqui, as ideias ingoldianas apresentadas para, então, reposicionar as fotografias ufológicas dentro de uma teoria mais geral de um mundo em movimento. Assim, argumenta Pink (2011), fotografias não são nunca de

13. “In photography, the presence of the thing (at a certain past moment) is never metaphoric” (BARTHES, 1982, p. 78).

14. Tradução livre.

15. “images are inevitably produced and consumed through the event of place and that they are produced, viewed and become meaningful in movement – not at points in networks, but as they move in meshworks. This means that cameras, photographers, video makers, subjects, collaborators, any element of the environment that is bound up together in this process – these are all implicated in the constitution of the image and the place.” (PINK, 2011, p. 8).

lugares, e sim em lugares, de modo que devemos considerar todos os processos interligados (como na ideia referida de malha) na produção de uma fotografia aparentemente estática. Em suma, as fotografias emergem de ambientes multissensoriais e de sentidos¹⁶ interconectados¹⁷ – à maneira de uma malha.

Colocando em termos mais concretos, talvez seja possível agora afirmar isto: os ufólogos conseguem fotografar discos-voadores, bem como identificá-los em registros já prontos, porque sabem como se colocar em movimento junto a eles. Isso implica em saber o melhor ponto para observá-los, saber distingui-los com relação a outros elementos e, sobretudo, reconhecer sua existência, enfim, seu *modus operandis*. Por isso, na tarefa de pesquisa e documentação das evidências ufológicas, o bom pesquisador não é somente aquele que vê o OVNI por meio das suas lentes. Antes, o registro adequado desses objetos passa por um aprendizado multissensorial e coordenado que permite apreender os discos-voadores no céu. Esse é um parêntese extremamente necessário para não cairmos na ideia de que a educação do ufólogo se dá apenas por meio de uma educação visual pensada de maneira isolada dos outros sentidos, uma vez que a própria visão se encontra integrada aos outros sentidos.

Em resumo, a jornada a qual o ufólogo é submetido passa, portanto, por uma educação multissensorial, não apenas visual no significado estrito do termo. É fundamental, portanto, sublinhar esse aspecto da jornada do ufólogo, uma vez que a sua interpretação dos registros de OVNI's depende do engajamento do pesquisador durante seu trabalho de campo de investigação dos OVNI's, que é eminentemente multissensorial – ou, nos casos em que o trabalho prático está ausente, de uma previsão coordenada baseada em experiências multissensoriais registradas nos registros de outros ufólogos do trabalho de campo ou materiais análogos. Assim, para seguir a

16. "Sentidos" é empregado aqui em relação aos sentidos humanos de percepção e não em relação a "significado".

17. "they [the photographs] are produced in and by movement, they are not static, and do not stand for static surfaces but always represent environments they were part of; when we view or 'consume' images they cannot take us 'back' but are part of new 'constellations of processes' (Masse y 2005), within a 'meshwork' (Ingold 2008)" (PINK, 2011, p. 9).

argumentação, é preciso indicar que a interpretação de um ufólogo a respeito desses registros fotográficos se desenvolve ao longo de diversas linhas, constituindo essa malha multissensorial que marca a investigação ufológica de um registro fotográfico

Por sua vez, uma fotografia de um disco-voador também seria apenas mais um elemento que entra em jogo para a análise do ufólogo a respeito da veracidade ou não de um determinado caso de “avistamento ufológico” e vice-versa, sendo que as fotografias também dependem de outros elementos. Marcas no terreno, relatos de testemunhas, cruzamento de informações e tantos outros detalhes capturam a atenção de um investigador. Munido desse conhecimento adquirido ao longo de sua jornada, ele é capaz de observar uma fotografia de um disco-voador e questionar o que está por trás dela. Posto em outros termos: analisar fotografias de disco-voadores nunca é uma atividade exclusivamente visual e inserir essa análise por parte dos ufólogos dentro da ideia ingoldiana de uma educação da atenção tem como objetivo sinalizar também esse caráter multissensorial dessa ação, além de provocar a reflexão a respeito da necessidade de um aprendizado a fim de se compreender efetivamente esses registros.

Ao estudar as dinâmicas específicas de um grupo católico que registra fotografias de milagres em um sítio de aparições da Virgem Maria, Wojcik observa que existe um processo repetitivo de produção dessas fotos, ao contrário de registros mais espontâneos, localizados e individuais de outras manifestações miraculosas do sobrenatural.

Ao contrário dos exemplos de fotografias de milagres, as quais são idiossincráticas, e dos registros acidentais da presença sobrenatural, captadas por um único indivíduo (tal como a fotografia do Cristo Oculto), as fotografias de milagres tiradas nos sítios de aparição mariana são

produzidas repetidamente por uma comunidade de crentes, buscando deliberadamente documentar o fenômeno sobrenatural em um contexto sacro (WOJCIK, 1996, p. 138)¹⁸.

Ou seja, em certo sentido, esses milagres são produzidos. O que se produz aqui, como na Ciência, é um *fetiche*, termo cunhado por Latour para reverter a acusação ocidental moderna da crença dirigida àqueles povos ditos fetichistas, aparentemente os únicos a produzi-los. Entretanto, o que Latour nos chama a atenção é o fato de que os modernos também produzem seus fetiches a partir da ciência, pois os fatos científicos produzidos em laboratórios também são justamente “produzidos”. Os fatos científicos, como esses fetiches, são criados, sem que isso impeça que eles ajam autonomamente, por isso o autor usa o termo *fetiche*, um trocadilho em francês que invoca duas imagens: a de *fait* e *fétiche*, ou seja, algo que é simultaneamente feito (um fetiche) e fato (LATOURE, 2002).

18. Tradução livre.

O mesmo processo observado neste sítio de aparição da Virgem Maria (como nos laboratórios) pode ser identificado nas comunidades ufológicas, onde os registros não são conjurados individualmente, mas por um coletivo expressivo de pesquisadores que buscam multiplicar deliberadamente as evidências do fenômeno em questão. Mas os cientistas, ao reduzir essas dinâmicas ufológicas e católicas ao estatuto de “crença”, implicam na existência de outras forças efetivamente agindo por trás dessas fotografias, algo que se manifesta em acusações de três tipos: (1) desconhecimento fotográfico, (2) falta de conhecimento científico e (3) má-fé ou charlatanismo.

O primeiro tipo de acusação tem a ver mais com o desconhecimento a respeito dos processos propriamente técnicos – a saber, enquadramento, ângulo, velocidade, abertura, ISO –, que podem criar efeitos puramente fotográficos, dando a impressão de que algo que não estava presente materialmente,

estava, como uma ilusão de ótica¹⁹. Já o segundo tipo de acusação diz respeito à falta de conhecimento científico para identificar as forças reais que atuam no mundo.

Afirmar que toda foto de um disco-voador não passa de uma ilusão de ótica (quando não é explicável pelo item 2 ou 3) é próxima desse segundo ponto porque implica que os efeitos luminosos e óticos captados pelas lentes fotográficas que explicam o aparecimento de um disco-voador pertencem a um campo da física e da tecnologia, pois sua explicação é justamente essa: efeitos físico-ópticos. Antes de uma espécie de revelação das forças científicas ocultas que produzem imagens de OVNI, é preciso pensar a respeito do papel que a astronomia, a física, a química, e mesmo a psicologia e a sociologia desempenham na “explicação” daquilo que “realmente” produziu os OVNI, seja no campo natural, seja no campo mental ou social. A respeito desse último, o próprio Wojcik é um exemplo de um tratamento desse tipo de material enquanto um reflexo de forças sociais:

Como um teste de Roschach religioso, as imagens ambíguas nas fotos de milagres abrem margem para uma variedade de sentidos atribuíveis, o que reflete tanto a teologia do local, quanto as preocupações dominantes dos indivíduos no local da aparição (WOJCIK, 1996, p. 135)²⁰

Portanto, não só as ditas *hard sciences* se engajam em uma argumentação cujas consequências são desmascarar o que realmente se passa por detrás da produção ufológica, como as próprias ciências sociais acabam por fazê-lo ao optar por uma interpretação que *explica* em termos sociais o que os ufólogos alegam.

O terceiro e último ponto diz respeito às acusações de má-fé ou charlatanismo. Ela parte da premissa de que certas fotos e relatos apresentados por ufólogos são um ato deliberado de má-fé, pois eles sabem que aquilo trata-se efetivamente de

19. “So I ask about physical or photographic evidence. There never seems to be any of the former, but often there is imagery. Some folks won’t send it, apparently afraid that I’ll sell their pix and deprive them of a Nobel Prize or a photo royalty. The photos I do see tend to show obvious optical effects — often bright lights caused by internal reflections in the lens or color fringes resulting from the workings of the camera’s chip. Other photos show diffraction patterns caused by ‘hunting’ of the camera’s autofocus system. Many people interpret these patterns as spacecraft markings.” (SHOS-TAK, 2018).

20. Tradução livre.

uma montagem, um equívoco, enfim, qualquer coisa, menos um OVNI. E o fazem movidos por má-fé ou interesses escusos; o charlatanismo seria um meio de realização de seus próprios objetivos.

Mas essas três acusações não fazem sentido quando entendemos o ufólogo inserido nessa dinâmica de aprendizagem e questionamento, discutida ao longo do texto. Independentemente do que diz a Ciência, os ufólogos habitam um mundo onde os alienígenas intervêm ativamente e constantemente, o que não significa dizer que eles não reconhecem que uma fotografia de um OVNI pode se mostrar “falsa” por causa daqueles três pontos levantados. O problema é que esses três pontos levantados vêm enquanto parte de uma estratégia acusatória usada para desqualificar os ufólogos sob o título de “aqueles que acreditam”, porque seria óbvio que alienígenas não existem! O processo por meio do qual os ufólogos engajam para investigar a natureza de tais fotografias é muito diferente deste, na medida em que seus pressupostos são os de que os alienígenas existem e é preciso separar o joio do trigo, o falso do verdadeiro. Claro, nem todas as fotos de OVNI são OVNI, mas alguma (ou várias) há de ser.

Nesse momento, é necessário destacar, como faz Ingold (2002), a influência da tradição ocidental que privilegia o papel da visão na apreensão objetiva do mundo no pensamento científico, porque é disso que se tratam as controvérsias em torno das fotografias ufológicas. Dentro dessa tradição, o telescópio, por exemplo, aparece como uma tecnologia primordial na astronomia porque justamente permite amplificar a visão, tornando possível observar com mais resolução e objetividade do que se trata verdadeiramente aquilo que está no céu (INGOLD, 2002, p. 243-289)²¹. Novamente, porém, não é apenas a visão que está em questão aqui.

21. “Descartes began his Optics of 1637 by proclaiming his enthusiasm for the telescope. ‘Since sight’, he wrote, ‘is the noblest and most comprehensive of the senses, inventions which serve to increase its power are undoubtedly among the most useful there can be’ (1988: 57). And what more wonderful invention could one imagine than the telescope, which has so enhanced the power of sight as to open up whole new vistas for the human understanding of nature and the universe?” (INGOLD, 2002, p. 254).

Por isso que boa parte das críticas dos astrônomos aos registros de OVNIIs dizem respeito à má-qualidade das fotos, algo que, conforme alegam, não permite identificar o objeto em questão. Mas é interessante que para a questão da validade da fotografia não se trata propriamente da visão isolada, e sim de sua inserção em um modo específico de percepção do ambiente que submete os resultados obtidos pela visão ao escrutínio, no caso da astronomia, das técnicas científicas, o que implica em aplicar paradigmas específicos – nesse caso, o de que alienígenas visitando a Terra não são reais. Conforme afirmei anteriormente, molda-se a partir disso uma análise distinta com relação a essas fotos.

22. Tradução livre.

Mais do que qualquer outra modalidade de percepção, eles dizem, a visão nos leva a objetificar nosso ambiente, a apreendê-lo enquanto um repositório de coisas, externas aos nossos 'eus' subjetivos, que estão aí para serem contempladas pelos olhos, analisadas pela ciência, explorada pela tecnologia e dominada pelo poder (INGOLD, 2002, p. 246)²².

O ponto é que a astronomia também produz fotos de “péssima resolução” que, não obstante, são aceitas pela comunidade científica. Por exemplo, as primeiras fotos astronômicas tiradas por Henry Draper no final do Século XIX. O que é que há por de trás dessas fotos que as torna aceitáveis, verdadeiras? Dentre outras coisas, que exigiriam uma discussão mais longa e detalhada, é possível identificar o discurso científico que ampara essas fotografias, a ideia de que existe uma racionalidade muito particular orientando a

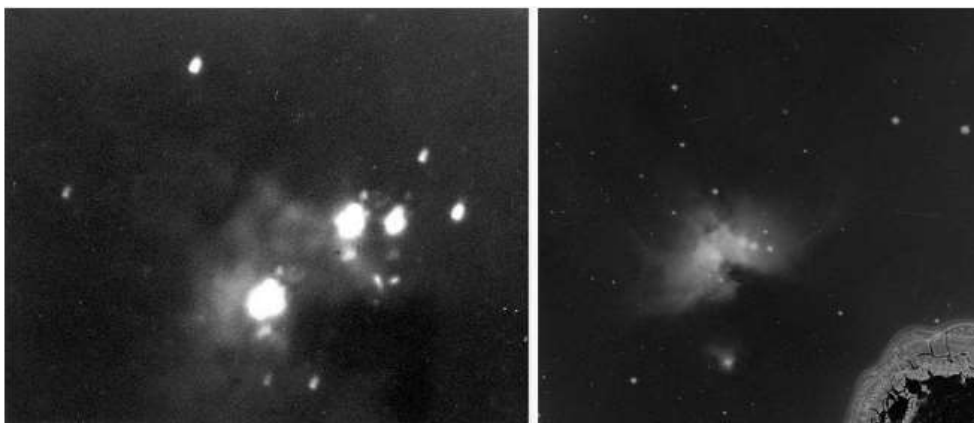


Figura 1. Comparação entre duas fotografias da Nebulosa de Orion, ambas tiradas por Henry Draper; a primeira é de 1880, a segunda é de 1882.

interpretação dessas produções. Assim, por mais que pareça algo totalmente confuso e sem-sentido, os astrônomos conseguem identificar a nebulosa nessas fotos (Figura 1).

Se a Figura 1 não fosse acompanhada de descrição, aposto que seria muito difícil a sua identificação pelos leitores não-especializados, não só pela má qualidade das fotos, mas também pela nossa inabilidade em perceber os signos em jogo, o significado que cada significante invoca. Não há nada aí que sugira de antemão tratar-se de fotografias de uma nebulosa, muito menos da Nebulosa de Orion, especificamente. Isso porque as coisas não falam por si só, e demandam um conjunto de *mediações*, dentre elas, o trabalho incansável de *composição* de cientistas (LATOURE, 2016). Ressalto, não há nada que sugira isso a um leitor não-especializado em astronomia ou com o mínimo interesse pela disciplina. Por isso, nós (não-especialistas) simplesmente aceitamos que se trata de fato dessa nebulosa em questão porque aceitamos o discurso científico, ainda que não sejamos capazes de explicá-lo ou

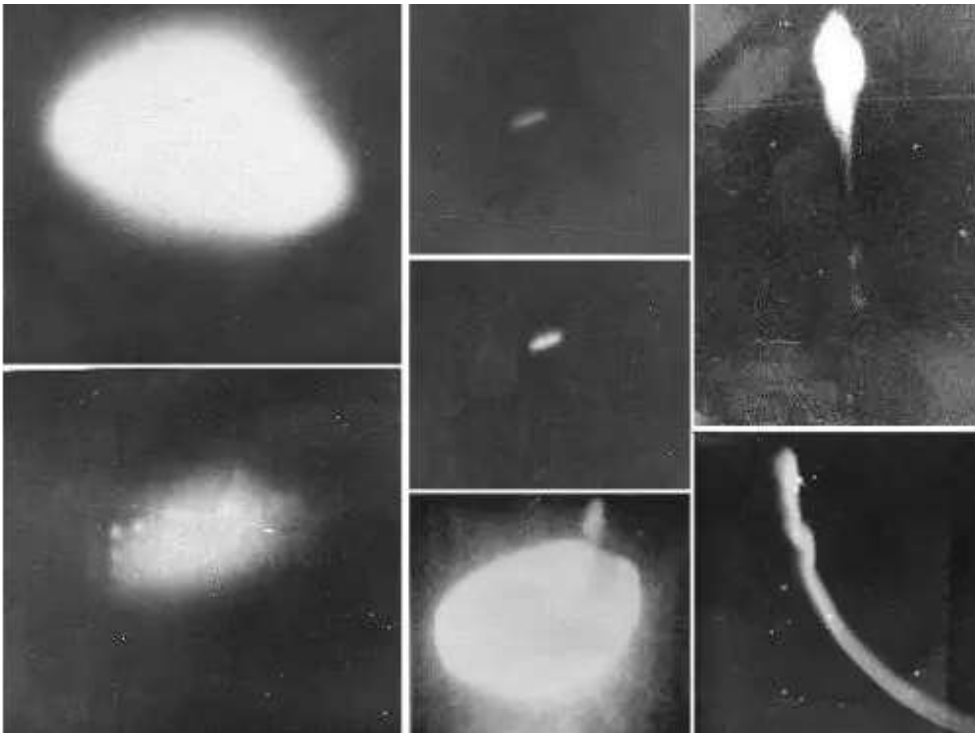


Figura 2. Fotografias dos OVNI's avistados durante a Operação Prato, como ficou conhecida uma operação militar conduzida na década de 70 para investigar estranhas luzes que atacavam uma população local.

entendê-lo completamente, conquanto aceitemos, acima de tudo, que nebulosas são reais.

Já essas fotos (figura 2) foram tiradas por militares encarregados de investigar luzes que estavam atacando a população de uma pequena cidade no Pará. Os ataques daquilo que ficou conhecido como “chupa-chupa” – pois por meio de um raio de luz que vinha do céu o sangue das vítimas era sugado – eram tão sérios que, em determinado momento, o exército brasileiro precisou ser acionado para lidar com a situação, conforme revelam os documentos oficiais liberados após pressões da Revista UFO.

Não é que a veracidade dessas fotos seja questionada. Evidentemente, não são montagens. O que está em jogo, novamente, é a ideia de que os discos-voadores não existem, logo, essas fotos hão de ser qualquer outra coisa, menos seres extraterrestres (as acusações 1 e 2). No entanto, aqueles que

não conseguem enxergar os OVNI's nessas fotos (figura 2), como aqueles que não enxergam a Nebulosa de Orion nas outras fotos (figura 1), é que desconhecem os signos. Quando se vive em um universo povoado por discos-voadores e alienígenas, entende-se logo do que se tratam essas fotos.

Uma última colocação: é importante chamar a atenção para o fato de que fotografar é uma forma de se contar histórias. Por sua vez, se “é na arte da narrativa, não no poder de classificação, que a chave para a cognoscibilidade humana – e, por conseguinte, para a cultura – reside em última análise” (INGOLD, 2015, p. 242), a fotografia – devido à sua importância dentro da ufologia – aparece como um modo fundamental encontrado pelos ufólogos para a construção de suas narrativas. A esse respeito, a imagem da malha (INGOLD, 2015) é interessante, porque indica que o conhecimento emerge do processo total de desenvolvimento do novato dentro de um ambiente. Por meio da costura de diversas linhas, que são as histórias ouvidas, aprendidas, o iniciante constrói uma malha. E as fotografias permitem justamente um caminho – poderosíssimo, diga-se de passagem – pelo qual essa malha pode ser tecida pelos ufólogos.

5. Conclusão

Foi indicada durante o texto a relevância da ideia de “crença” na fundamentação lógica da ciência enquanto um domínio próprio de apreensão do mundo e, ainda, os desafios que surgem para essa categoria na medida em que alguns conhecimentos desafiam essas fronteiras, como é o caso dos Wajãpi e da ufologia, em questão. E, de fato,

a crença não remete, de modo algum, a uma capacidade cognitiva, mas a uma configuração complexa pela qual os modernos constroem a si próprios ao proibirem, com o objetivo de compreender suas ações, o retorno aos fetiches, os

quais, como veremos, todavia eles utilizam (LATOUR, 2002, p. 36).

Ingold aproxima a religião (e, portanto, a “crença”) a uma gramática performativa da participação, indicando um modo oficial específico de engajamento com o ambiente que parte da participação ativa nele, enquanto a ciência carrega a pretensão de uma gramática da representação. No entanto, como ele defenderá, por mais que a ciência negue essa gramática performativa da participação que é o próprio caminho da imaginação, ela não consegue produzir conhecimento sem prestar atenção às vozes dos seres ao seu redor, entrando em contato direto com o *conhecer por meio da existência* (*knowing-in-being*) da sensibilidade religiosa.

23. Tradução livre.

Eles podem, em defesa dos protocolos oficiais, se esforçar para não ouvir as vozes dos seres ao seu redor, mas eles devem escutá-las se desejam avançar além do mero recolhimento de informação em direção ao real entendimento. Gostem ou não, eles também são devotos ao mundo (INGOLD, 2013, p. 747)²³.

Não se trata, portanto e entretanto, de uma defesa da validade do conhecimento ufológico a respeito dos OVNIs. Resignificar o uso de “crença” deve ser feito pensando que os cientistas acreditam nos seus fatos, tanto quanto os ufólogos. Mas ao adotar essa postura, caímos em um caso claro de *conflito ontológico* (ALMEIDA, 2013), porque muitos cientistas argumentariam que no caso deles não se trata de crença e sim de “fatos” (e suspeito que muitos ufólogos também argumentariam o mesmo). Diante disso, é extremamente pertinente perguntar qual o lugar do relativismo antropológico, sobretudo diante da crescente onda negacionista e anti-científica que se prolifera pelo mundo todo. Não basta mais pensar os grupos humanos, cada qual habitando seu “universozinho”; é preciso considerar que as ontologias ao entrarem em contatos umas com as outras, exigem que

decisões pragmáticas sejam tomadas e que afetam diretamente esses seus mundos – que seriam, na verdade, muito mais próximos da imagem de placas tectônicas que, ainda que separadas, produzem choques e consequências catastróficas mediante sua interação (ALMEIDA, 2003).

De acordo com Mauro Almeida (2003), portanto, não passaria de “hipocrisia” fingir que não habitamos um mundo englobante, marcado por diálogos muitas vezes conflituosos entre culturas e sociedades. Diante desse cenário, o autor foca justamente na ideia de que desse contato podem emergir “áreas de consenso parcial” e, para isso, ele apela àquilo que chama de uma “dimensão humana geral do ‘bom senso’”. Em suma, é preciso que se dê margem para modificações estruturais resultantes desses encontros pragmáticos, regidas por esse universal do “bom-senso humano”, ainda que ele pareça tão ausente em alguns casos.

Assim, se esse artigo adquire em certos momentos um tom de manifesto a favor da ufologia, é apenas porque acredito que o papel da antropologia, em alguma medida, é o de tentar situar certas ideias no interior de alguns debates que podem ajudar nesse processo de diálogo, por assim dizer. Aqui, a defesa da ciência não é o foco justamente porque, ao que parece, é a ufologia que sai negligenciada do debate geral do conhecimento científico, como se nada houvesse para contribuir com ele, como se fosse, enfim, pura idiotice, irracionalidade. Ao argumentar por meio de uma via dos estudos da percepção o objetivo desse texto foi o de tornar evidente para o caso dos ufólogos aquilo que Mauro Almeida afirma sobre os encontros pragmáticos, isto é, aqueles eventos cotidianos que tomam lugar no curso da vida dos indivíduos inseridos em seus respectivos mundos:

nesses encontros, que chamamos também de eventos pragmáticos, “tudo se passa como se” o mundo existisse de fato conforme a ontologia em questão, mas há sempre um resíduo maior ou menor que pode levar a transformações dos pressupostos ontológicos (ALMEIDA, 2013, p. 9).

Longe de afirmar que os cientistas deveriam fazer o mesmo e sair por aí defendendo a existência dos discos-voadores e abduções, a ideia é a de que a posição de ironia e desdém seja revertida de modo que um diálogo mais justo e respeitoso possa ser estabelecido entre essas partes. Sem sombra de dúvida que esse artigo não encerra o debate e muitos desafios podem se impor a essa postura, sobretudo quando pensamos em situações mais delicadas como a de distribuição de verbas para pesquisa, decisões de política pública e tantas outras questões institucionais, burocráticas, econômicas e políticas. Mas reforçar o debate e tentar situar o relativismo antropológico levando em consideração as questões acerca da percepção humana e as ontologias parece um momento fundamental nesse processo.

Pensando a situação desse texto em particular, portanto, o que se tentou aqui foi tomar como objeto não necessariamente o “pensamento ufológico”, e sim, muito mais a experiência do ufólogo no mundo, argumentando que seus eventos pragmáticos – a saber, o contato com essas manifestações nos céus – não são dissociáveis da ontologia que orienta sua percepção multissensorial do mundo, semelhante ao que propõe Vander Velden no caso das histórias do Mapinguari amazônico entre os Karitiana, para quem “Não é o caso, pois, de ‘acreditar’ no que dizem os Karitiana, e nem de tomar seus ‘discursos’ como verdadeiros, mas sim de reconhecer a validade de suas experiências do mundo em que habitam” (2016, p. 214).

Dito isso, a ufologia não funciona sem um engajamento específico com o ambiente que, nesse caso, torna-se possível por meio da “jornada do ufólogo”. Após um processo de aprendizagem, o ufólogo profissional está apto a interpretar fotografias, relatos e vídeos, identificando do que se trata aquela mancha curiosa, os signos em questão. Ele está apto, finalmente, a organizar os dados da percepção de formas diferentes das que fariam um astrônomo.

24. Tradução livre.

Assim, não é tanto sobre o que se percebe, mas em como se percebe que as culturas diferem. Não funciona mais apenas identificar variações culturais enquanto visões de mundo alternativas, como se todos percebessem as suas redondezas do mesmo modo (visualmente, observando-la), mas sim considerando que veem coisas diferentes com base nos seus diferentes modos de organizar os dados da percepção em representações (INGOLD, 2002, p. 250)²⁴.

Um OVNI pode ser uma mancha na lente, pode ser um inseto, pode ser um cometa, pode ser um *hoax*, mas raramente o ufólogo não sabe do que se trata. Conforme Vander Velden afirma a respeito da epistemologia ocidental, “é preciso ver para crer ou, mais propriamente, é preciso ver para se certificar da realidade” (2016, p. 220), no entanto essa visão só pode ser pensada de maneira multissensorial e enquanto emergente dessa ou daquela ontologia e, por consequência, associada a determinada “realidade”. É nesse sentido que reivindico que, apesar do nome, raramente os OVNI são objetos “não-identificados” para os ufólogos. Uma vez removida a mancha na lente é possível ver uma estranha estrela que se mexe, ziguezagueia, escapa ao controle de todos e retorna para o espaço num piscar de olhos.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. Relativismo Antropológico e Objetividade Etnográfica. *Campos - Revista de Antropologia Social*, v. 3, 2003.

ALMEIDA, M. Caipora e outros conflitos ontológicos. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v. 5, n. 1, pp. 7-28, 2013.

ALMEIDA, R. A. "Objetos intangíveis": Ufologia, ciência e segredo. 2015. 508 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BARTHES, R. *Câmera Lúcida: Reflections on Photography*. Nova Iorque: Hill & Wang, 1982.

BASTIDE, F.; MYERS, G. A Night with Saturne. *Science, Technology and Human Values*, v. 17, n. 3, 1992, pp. 259-281.

CROSS, A. The Flexibility of Scientific Rhetoric: A Case Study of UFO Researchers. *Qualitative Sociology*, v. 27, n. 1, pp. 3-33, 2004.

ELIAS, L.; D'AGOSTINO, V. O Desafio de pesquisar UFOs. *Revista UFO*. São Paulo, n. 66, pp. 4-16, 2012.

INGOLD, T. From the transmission of representations to the education of attention. In: WHITEHOUSE, H. *The debated mind: Evolutionary psychology versus ethnography*. Oxford: Berg Publishers, 2001, p. 113-153.

INGOLD, T. Stop, look and listen! Vision, hearing and human movement. In: INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. Nova Iorque: Taylor & Francis Group, 2002. p.343-389

INGOLD, T. Worlds of Sensing and Sensing the World: a response to Sarah Pink and David Howes. *European Association of Social Anthropologists*, Londres. v. 19, n. 3, pp. 313-317, 2011.

INGOLD, T. Dreaming of dragons: on the imagination of real life. *Journal of the Royal Anthropological Institute*. Londres. v. 19, n. 4, pp. 734-752, 2013.

INGOLD, T. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.

LATOUR, B. *A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: Edusc, 2001.

LATOUR, B. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru: Edusc, 2002.

LATOUR, B. *Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas*. São Paulo: Editora 34, 2016.

OLIVEIRA, J. C. *Entre Plantas e palavras. Modos de constituição de saberes entre os Wajãpi (AP)*. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

PEREIRA, F. C. N. *Que ciência constrói os discos voadores?*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

PINK, Sarah. Sensory digital photography: re-thinking 'moving' and the image. *Visual Studies*, Londres, V. 26, n. 1, pp. 4-13, 2011.

SHOSTAK, S. UFO believers got one thing right. Here's what they get wrong. *NBC News*, 2018. Disponível em <<https://www.nbcnews.com/mach/science/ufo-hunters-got-one-thing-right-here-s-what-they-ncna834306>>. Acesso em 5 de maio de 2020.

VANDER VELDEN, F. F. Realidade, ciência e fantasia nas controvérsias sobre o Mapinguari no sudoeste amazônico. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 11, n. 1, p. 209-224, 2016.

Como citar

BORDA, Pedro. "Era só uma mancha na lente": Debates sobre ufologia e educação da atenção. *Primeiros Estudos: Revista de Graduação em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 38-66. 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-2423.v10i1p38-66>